

## A maioria do "Centrão" corre riscos

No registro geral de marcas e patentes da política, a marca **Centrão** já está patenteada por um alegre e heterogêneo grupo de parlamentares que deseja expurgar do projeto de Constituição tudo que soe, pareça ou cheire a avanços nas áreas social e econômica — tudo que, por artes diabólicas das esquerdas, possa pôr em perigo as bases do capitalismo tal como ele é entendido entre nós. O uso da marca, na atividade parlamentar, confere a patente.

Não fosse o hábito, que gera a propriedade, o mais acertado seria batizar de **Centrão** um agrupamento de políticos, ora em formação, que pretende, de fato, se pôr a igual distância da direita e da esquerda. "Vamos atuar na Constituinte como o fiel da balança", diz o deputado Jaime Santana (PFL-MA), o primeiro político a acreditar na viabilidade do novo agrupamento que, nas últimas 72 horas, começou a atrair expressivas adesões. "Já somos mais de 45 senadores e deputados", calcula.

O senador Jarbas Passarinho, presidente do PDS, que se negou a liderar o **Centrão**, concordou, entusiasmado, em participar do comando do novo grupo que, por enquanto, ainda não adotou um nome mas que poderá adotar a denominação de "Grupo Reformador" ou "Grupo Reformista", à falta de outra melhor. Os senadores Fernando Henrique Cardoso, líder do PMDB no Senado, e Jorge Bronhausen (PFL-SC), formarão ao lado de Passarinho na linha de frente

do grupo, juntamente com o senador Marco Maciel.

O especialista em regimento e em questões jurídicas do novo grupo está, naturalmente, escolhido: é o deputado Konder Reis (PDS-SC), relator da Constituição de 1967 e relator adjunto da que ora está sendo elaborada. Integram a ala parlamentarista do grupo o senador Nelson Carneiro (PMDB-RJ) e o deputado Egídio Ferreira Lima (PMDB-PE). Brilha, na companhia deles, a estrela da deputada Rita Camata, politicamente separada do seu marido, o senador Gerson Camata (PMDB-ES), que preferiu ficar no **Centrão**.

Sistema de governo e mandato do presidente Sarney não farão parte, por enquanto, das preocupações do novo grupo. "São temas que mais separam os constituintes do que os une", argumenta a deputada. Preocupa o grupo, como adianta o deputado Saulo Queiroz (PFL-MT), "a necessidade de confeccionar uma Constituição moderna, avançada, progressista mas limpa de concessões ao irrealismo de certas esquerdas e ao ranço conservador da direita."

Em meados deste ano, o embrião do novo grupo, ainda na fase das comissões temáticas da Constituinte, tentou se aproximar, de um lado, do senador Mário Covas, e do outro, do presidente Sarney. "Naquela altura, já era claro para nós que o entendimento era e continua sendo a única via para que possamos vir a ter uma boa Constituição", conta o deputado Alcei Guerra (PFL-PR). O entendimento com Covas não prosperou. Sarney não demonstrou muito interesse pelo assunto.

O surgimento do **Centrão**, apoiado, no momento inicial, por senadores e deputados como os próprios Passarinho e Saulo, deu novo ânimo aos que bateram, em vão, às portas de Covas e de Sarney. O radicalismo e o tom excessivamente conservador do **Centrão**, na opinião do deputado Egídio Ferreira Lima, apressaram a organização do novo grupo. Há, de fato, no

**Centrão**, políticos de direita que recusam o rótulo e que se esforçam por tentar adotar soluções negociadas com as esquerdas e com os liberais.

É o caso, por exemplo, dos deputados Luiz Eduardo Magalhães (PFL-BA) e Ricardo Fiúza (PFL-PE). Mas quem tem ditado o comportamento do **Centrão**, pelo menos nos seus primeiros arroubos, tem sido seu núcleo mais radical, onde se destacam os deputados Amaral Neto (PDS-RJ), José Lourenço (PFL-BA) e Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP). No confronto com o **Centrão**, o novo grupo imagina oferecer uma face mais moderada. "Temos experiência de lutas", provoca o deputado Santana.

Têm, sim. Os que inspiraram o grupo estiveram, juntos, no Grupo Participação, que começou, em 1983, a demolir a unidade do PDS, disputando com chapa própria a direção do partido. Naquela ocasião, o então senador José Sarney conseguiu ser mantido no Diretório Nacional do PDS e, mais tarde, reconduzido à sua presidência por escassos três votos. Juntos, depois, inauguraram, formalmente, a dissidência do PDS, que apoiou a candidatura de Tancredo Neves à Presidência da República e que virou o atual PFL.

O objetivo oculto, não admitido, do novo grupo é o de contribuir para enxugar a maioria que o **Centrão** pode reunir em plenário na batalha em torno da reforma do regimento interno da Constituinte. No enfraquecimento desse grupo, o senador Mário Covas decidiu apostar todas as suas fichas. "Finalmente, o Covas resolveu trabalhar", ironiza o deputado Gastone Righi, líder do PTB na Câmara Federal e adepto do **Centrão**. A contragosto, confessa o deputado Dasso Coimbra (PMDB-RJ), um dos líderes do **Centrão**.

— E, os telefonemas de Covas para senadores e deputados do nosso grupo começaram a surgir alguns efeitos.

Ricardo Noblat

## Grupo dos 32 e "reformistas" querem formar maioria absoluta

O Grupo dos 32 e o grupo "reformista" se reúnem hoje, às 10h, para iniciar formalmente negociações com o objetivo de reduzir ao mínimo os pontos de atrito a serem votados em plenário, e reunir a maioria absoluta para, dentro desse entendimento, aprovar rapidamente o novo texto constitucional. A disposição para o entendimento foi formalizada ontem, quando a deputada Sandra Cavalcanti (PFL-RJ) compareceu a uma reunião dos "reformistas" para apresentar as propostas de emenda já elaboradas pelos 32. Informalmente, todavia, as conversações vem se desenvolvendo há 14 dias, quando o núcleo reformista iniciou as primeiras articulações para isolar o **Centrão** na Constituinte.

Enquanto Sandra Cavalcanti apresentava as emendas, os principais articuladores dos 32 se reuniam na Comissão de Finanças do Senado para ultimar o pacote de propostas oferecidas à negociação com os diversos grupos ideológicos da Constituinte. Segundo o senador Virgílio Távora (PDS-CE), o grupo excluiu do rol de propostas oficiais a que determinava como final do mandato do presidente José Sarney o

dia 31 de dezembro de 1988. "Isso e o sistema de governo são pontos polêmicos. Devem ser decididos pelo plenário, senão vão acabar atrapalhando as negociações", afirmou o senador.

**Tendências** — O Grupo dos 32 decidiu ainda apresentar apenas uma proposta substituindo o artigo que proíbe a demissão imotivada, no projeto Cabral. A decisão final será tomada hoje, mas a tendência dos 32 é deixar a regulamentação da estabilidade no emprego para posterior lei complementar. Os constituintes liderados pelo senador José Richa (PMDB-PR) tendem também a ampliar a prescrição de causas trabalhistas de dois para cinco anos, em vez de tirar a referência à matéria do texto constitucional, como haviam definido anteriormente. Por fim, pensa-se em manter a jornada de trabalho de 44 horas semanais, mas com cômputo anual - isto é, cada empresa adequa as horas de trabalho às suas necessidades, nas diferentes épocas do ano.

O senador Virgílio Távora disse que a exclusão, no projeto de Constituição, do monopólio estatal da distribuição do petróleo, foi uma decisão do

próprio grupo, mas o parágrafo a ele aditado, que permite a manutenção dos contratos de risco, foi feito a pedido da Petrobrás.

Os entendimentos do Grupo dos 32 com o núcleo que deu origem aos "reformistas" começou na semana retrasada, quando os deputados Jaime Santana, Alcei Guerra e Joaquim Francisco, todos do grupo Moderno do PFL, e a deputada Sandra Cavalcanti, reuniram-se em um jantar e encenaram o debate sobre as questões de mérito da Constituinte.

As negociações, porém, não estão centralizadas na figura de Sandra. O senador Virgílio Távora está conversando com o **Centrão** e com representantes da esquerda na Constituinte. Ambos já começaram a detectar os pontos que poderão retardar o acordo. "A esquerda acha que a Sistematização avançou pouco, e o **Centrão** acha que a Sistematização fez absurdos", contou Távora. "Os radicais de esquerda querem mais conquistas sociais, e a direita não deseja que a Constituição nem mencione os direitos sociais", relata Sandra.

## Costa Couto admite pressão do Planalto

O ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, admitiu que vários ministros estão trabalhando para que o plenário da Constituinte fixe em cinco anos o mandato do presidente José Sarney, mas negou qualquer interferência nesse sentido do Palácio do Planalto. Há dois dias, informou ele, o senador Edison Lobão (PFL-MA), que articula a favor dos cinco anos, disse já ter obtido mais de 200 adesões à emenda que pretende apresentar.

Segundo Costa Couto, o governo não está contabilizando o **Centrão** como sua nova base de sustentação política, embora acredite que a maioria dos integrantes do grupo se identifique com o Planalto. "Isso não significa que o **Centrão** tenha vinculação com o governo Sarney", acenou.

Ele disse achar legítimo que parlamentares, como o líder do PFL, deputado José Lourenço, façam reivindicações

— Lourenço pede, alegando que o **Centrão** a nova base do governo, uma reforma ministerial —, mas lembrou que "a equipe do presidente é da sua estrita responsabilidade e confiança".

Embora reconhecendo que setores do governo trabalham pelos cinco anos, Costa Couto não quis citar nomes e fez questão de assegurar que Sarney não pediu que seus auxiliares se envolvessem nessa questão.

## Centro-esquerda do PMDB quer mostrar força

BRASÍLIA — As principais lideranças nacionais do PMDB histórico estarão reunidas em Brasília, no próximo dia 21, para demonstrar força internamente e garantir a hegemonia dos setores de centro-esquerda no partido, isolando assim a direita que lidera o **Centrão** da Constituinte. A reunião foi acertada ontem num café da manhã numa suíte do Hotel Nacional, onde se hospedava o ex-governador Franco Montoro. Além dele, participaram o líder na Constituinte, Mário Covas, o líder no Senado, Fernando Henrique Cardoso, o senador José Richa (PR) e o deputado José Serra (SP).

— Estamos discutindo a renovação do partido, para reagrupar os programáticos — disse Fernando Henrique, que já falara a respeito com Covas e Richa, na sexta-feira, em Curitiba. O também senador Mário Lacerda (MT) deu uma explicação mais direta depois de conversar com o líder. "É a desincorporação", informou ele, deixando claro que a intenção é vencer a direita nos embates partidários e manter o PMDB nas mãos de lideranças consideradas de centro ou progressistas. Em 1979, o partido teve que se incorporar ao moderado PP de Tancredo Neves, para fazer frente ao regime militar como à época do MDB, sofrendo então um desvio à direita.

Fernando Henrique disse que Montoro "tem conversado diariamente" com as bases do PMDB em São Paulo e disse na reunião que elas estão preocupadas com os avanços das últimas semanas do grupo de direita aglutinado no **Centrão**. Também no Paraná, Fernando Henrique, Covas e Richa detectaram uma grande preocupação das bases com os rumos do partido, exigindo uma postura mais agressiva e mais coerente com o passado do PMDB e do MDB.

## Governadores vão participar

Apesar de Fernando Henrique dizer que o presidente Ulysses Guimarães não foram avisado da articulação, um outro participante do café da manhã no Hotel Nacional informou que Ulysses está a par de todas as conversas mas não pode se comprometer com elas, pois como presidente do PMDB ele não deve patrocinar ou concordar com mobilizações de grupos. Deve ficar acima deles.

Segundo esse participante, serão chamadas à reunião do dia 21 as principais lideranças do PMDB histórico, inclusive governadores como o do Pernambuco, Miguel Arraes, da Bahia, Waldir Pires, e do Rio Grande do Sul, Pedro Simões.

Tal reunião preparará a centro-esquerda para os inevitáveis embates que terá com a direita partidária na convenção de junho. "Se nós vencermos, conduziremos o partido para a coerência com suas tradições históricas. Se perdermos, procuraremos um novo partido de acordo com essas ideias", disse o participante que não quis se identificar. Por enquanto, candidaturas à Presidência da República não serão discutidas até porque, só no encontro de ontem, havia pelo menos três presidenciais: Covas, Montoro e Richa.



Na cúpula do Senado, a baleia inflável dos 'verdes'

## Ecologistas protestam no Senado com 'baleia'

BRASÍLIA — Foi cheia de percalços a passagem de 300 ecologistas pelo Congresso. Seis deles e o deputado Fábio Feldman (PMDB-SP) foram cercados e quase apanharam da segurança do Senado no final da manhã. No começo da tarde, acusando o presidente do Senado, Humberto Lucena (PMDB-PB) de estar "do lado dos matadores de baleias", Feldman e os **verdes** transferiram seu encontro do auditório Petrônio Portela, no Senado, para o Nereu Ramos, na Câmara. Em seguida simularam a matança das baleias, inflando uma de plástico, com 10 m de comprimento, na cúpula do Senado. A manifestação terminou em passeata pela frente do Congresso.

Manter a caracterização do crime ecológico, aprovada pela Comissão de Sistematização; incluir um capítulo sobre meio-ambiente — que não foi votado, por falta de tempo — na futura Constituição; e forçar a aprovação, pelo Senado, do projeto contra a matança de baleias, já aprovado pela Câmara, foram os obje-

tivos que levaram os ecologistas ao Congresso. Eles vieram em ônibus de São Paulo, Mato Grosso, Rio, Paraná, Minas e Goiás.

As 11h 50min, ao tentar levar para o auditório Petrônio Portela um grupo de **verdes**, o deputado Fábio Feldman foi barrado pela segurança. Não gostou e começou a discussão. "Hoje tem votação do regimento. Houve bagunça na semana passada e o presidente do Senado ordenou segurança máxima", disse um dos **verdes**. O deputado rebateu: "O Lucena não quer o encontro aqui. A Câmara já aprovou projeto contra a matança das baleias mas ele, que é da Paraíba, onde estão as empresas que caçam, não põe em votação no Senado".

Os ânimos se exaltaram quando Feldman derrubou um pedestal de ferro no pé de um segurança. Ele e outros quatro colegas cercaram o deputado e seis ecologistas, que terminaram, após alguns empurrões, convencendo os seguranças que eram pessoas "de paz".